

Universidade Federal de São Paulo

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diógenes Rodrigues de Sousa

*Parque Antarctica – Um Patrimônio do Lazer na Cidade
de São Paulo no Início do Século XX*

Guarulhos

2014

Universidade Federal de São Paulo

Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.
Orientador: Professor Doutor Fernando Atique

Guarulhos

2014

Sousa, Diógenes Rodrigues de

Parque Antarctica – Um Patrimônio do Lazer na Cidade de São Paulo no Início do Século XX / Diógenes Rodrigues de Sousa. - Guarulhos, 2014.

44 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Atique.

Título em inglês: Parque Antarctica - An heritage of leisure in the city of São Paulo in the early twentieth century

1. Urbanização. 2. História de São Paulo. 3. Parque Antarctica. 4. Lazer e Patrimônio.

Diógenes Rodrigues de Sousa
Parque Antarctica –
Um Patrimônio do Lazer na Cidade de São Paulo no Início do Século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São Paulo como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.
Orientador: Professor Doutor Fernando Atique

Aprovado em de março de 2014.

Professor(a) Doutor(a)

Professor(a) Doutor(a)

Aos amantes da cidade e das coisas dela.

Agradecimentos

Toda construção, seja de uma cidade ou de texto, passa por várias etapas e várias mãos. A realização deste trabalho é a prova de que nada é feito sozinho e o meu agradecimento alcança a todas estas pessoas que colaboraram nessa empreitada sem tirar, obviamente, a minha responsabilidade por possíveis equívocos. Trata-se de uma lista imensa de pessoas incríveis, mas escrevo o nome de alguns no intuito de que todos aqui estejam contemplados.

Primeiramente ao meu orientador Fernando Atique por acreditar na monografia e compartilhar o mesmo anseio em estudar as questões urbanísticas de uma cidade tão importante quanto São Paulo, além do prestígio de sua amizade.

Ao surgimento de outras novas amizades advindas do futebol e da História, seja pessoalmente ou através das redes sociais, como Felipe Herculano e todos amigos memorialistas; agradeço a colaboração do Arquivo Histórico da Sociedade Esportiva Palmeiras, Bruno Alexandre, Jota Roberto e José Ezequiel, assim como Fernando Galuppo, Julio Ragazzi, Ademir Castellari, Fábio Tatu, Lorena Gomes, Ana Paula Santana, Monique Alves, João Malaia, Custódio e Fernandes com o livro Alma, Márcio Trevisan, Kris Bengtson e todos os palmeirenses envolvidos neste processo.

Ao atendimento sempre eficaz do Centro Pró Memória Hans Nobiling do Esporte Clube Pinheiros, Arquivo Municipal Washington Luis, Centro Cultural São Paulo e, em especial, da Biblioteca Mário de Andrade, representada por Norma Haru, sem a qual seria impossível a realização deste trabalho.

Aos amigos que ajudaram durante toda a graduação e principalmente nesta fase conclusiva, ora com conteúdo acadêmico, ora com injeções de ânimo, André Alves, André Filippe, Diego Martins, Erik Brotto, Paula Broda, Michele Dias, Julia Sellanes, Francisco Parada e, carinhosamente, a Talita Sanchez, cujo auxílio serviu de divisor de águas que me colocou cada vez mais perto da conclusão desta empreitada e aos professores que hoje eu também tenho em alta estima, Fábio Franzini, Maximiliano Menz, Odair Paiva, Rossana Alves, Manoela Rufinoni e todos os que pude conhecer ao longo da vida.

À família que sempre foi muito prestativa e apoiadora, sendo a principal fonte da minha história. Aos meus pais e irmãos, por diversas vezes atentos para as

inúmeras descobertas acerca das minhas pesquisas, incentivando-me cada vez mais e acreditando no meu sonho juntamente comigo. Por fim, um agradecimento especial ao tio, amigo e professor Nailton Souza, que fez das suas aulas de História, nos ensinos fundamental e médio, um caminho que me levou à busca da minha própria história.

A arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer.

John Ruskin

Resumo

Este trabalho tem a intenção de demonstrar a criação e utilização de um dos espaços destinados à prática do lazer e atividades desportivas na cidade de São Paulo, o Parque Antarctica, bem como as intervenções urbanísticas surgidas na região oeste da cidade no final do século XIX até meados do século XX. A partir disto, analisaremos a relação existente entre a industrialização e a difusão das noções de esporte e de lazer na produção de espaços próprios a essas práticas na cidade de São Paulo e como tal difusão contribuiu para a transformação de uma determinada região.

Palavras-chave: Urbanização; História de São Paulo; Parque Antarctica; Lazer e Patrimônio.

Abstract

This work intends to demonstrate the creation and use of one of the spaces destined for the practice of sports and leisure activities in the city of São Paulo - the *Parque Antarctica* - as well as the urban interventions which arose in the west of the city during the late nineteenth century to the mid-twentieth century. From this point of departure, we analyze the relationship between industrialization and the spreading of ideas regarding sports and leisure, and how these components ended up being not only fundamentally important in the creation of spaces destined for these kind of practices in the city of São Paulo, but also for the transformation of the region as a whole.

Key-words: Urbanization; History of São Paulo; *Parque Antarctica*; Leisure and Heritage

Sumário

Introdução.....	11
1. São Paulo e o Lazer: A Emergência do Parque Antarctica.....	14
1. 1 A indústria como provedora do lazer.....	19
2. O Parque e sua estrutura.....	24
3. Os arredores do Parque: breve relato sobre o impacto das alterações arquitetônicas na região.....	35
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	42
Fontes.....	44

Introdução

Na virada do século XIX para o XX, os centros urbanos passam a ser cada vez mais povoados em várias cidades do mundo, incluindo São Paulo. A mudança da população do campo para a cidade permite uma série de reflexões que abarcam o campo das Ciências Humanas de modo que, ao longo do século XX, vê-se que uma gama de estudos acerca do tema está disponível a quem por ele se interessa.

Refletir sobre a cidade, contudo, não é privilégio dos homens contemporâneos, já que as cidades existem desde a Antiguidade como espaço de intervenção das ações humanas, apenas a forma como estes pensam diferem de seus antecessores, no tocante ao interesse de desenvolver uma sistematização que contemple uma maior reflexão sobre o fenômeno urbano. Em outras palavras, busca-se aqui um questionamento sobre a cidade que faça dela um campo específico do saber.

As primeiras tratativas de se entender a cidade sob esta nova ótica surgiram em 1860, com o arquiteto espanhol Idelfonso Cerda, ao tratar de urbanismo e discutir os desdobramentos sociais da industrialização, na obra intitulada *Teoria Geral da Urbanização*. À medida que surge proeminentemente a industrialização, o urbanismo abre um cabedal de questionamentos sobre a nova organização da vida citadina, haja vista as insurgentes lutas sociais decorrentes desta industrialização, calcadas em ideais marxistas e positivistas. Um breve relato no que se refere ao interesse do entendimento das questões estruturais da cidade remete à obra de Fustel de Coulanges denominada *A Cidade Antiga*, de 1864, que aborda questões para ele deveras concernentes à compreensão do fenômeno urbano: família, propriedade privada e religião.

No ramo da arquitetura, uns dos mais importantes documentos acerca das discussões relacionadas à cidade é a chamada Carta de Atenas, redigida por Le Corbusier, em 1933, publicada como versão autoral, após a realização do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM –, no qual foram abordados diversos conceitos urbanísticos que seriam aplicados mundialmente, entre eles, o de cidade “funcional”, fazendo dela um organismo no qual as necessidades do homem seriam claramente mais resolvidas. Questões como zoneamento, verticalização dos edifícios e a utilização da indústria em construções padronizadas foram debatidas no Congresso através da carta, além de trazer à tona a importância da utilização da cidade como espaço de lazer e entretenimento, trabalho, habitação e circulação.

Sabe-se que as propostas da Carta de Atenas devem ser muito bem

contextualizadas e restritas à primeira metade do século XX dadas suas proposições modernas no sentido de incentivarem a utilização de veículos em detrimento a caminhabilidade, da padronização e verticalização das edificações, da seleção de monumentos históricos a partir de uma concepção histórica ligada aos grandes nomes, dentre outras coisas. O arcabouço teórico existente na Carta de Atenas apresenta uma importante reflexão de meados do século XX sobre as relações de lazer entre o homem e a cidade. Sendo assim, o artigo 39 explicita de forma clara a melhor maneira para que isto ocorra¹:

deve ser estabelecido um programa de entretenimento comportando atividades de todo o tipo: o passeio, solitário ou coletivo, em meio à beleza dos lugares; os esportes de toda natureza: tênis, basquete, futebol, natação, atletismo; os espetáculos, concertos, teatros ao ar livre, jogos de quadra e torneios diversos. Enfim, serão previstos equipamentos precisos: meios de transporte que demandam uma organização racional; locais para alojamento, hotéis, albergues ou acampamentos e, enfim, não menos importante, um abastecimento de água potável e víveres que deverá ser cuidadosamente assegurado por toda a parte.

Apesar de elegermos as orientações da Carta de Atenas para este trabalho, não as utilizaremos no sentido de método de trabalho. Para isso acreditamos que as discussões mais recentes sobre planejamento, desenho e arquitetura urbanos podem nos servir melhor como ferramenta para a compreensão histórica do espaço urbano. As propostas atuais sugerem uma organização espacial citadina que favoreça a sensação de pertencimento a uma comunidade a partir do lugar no qual se vive. Entendemos, portanto, a cidade como o lugar que se desenvolve num processo dinâmico. Tais práticas, por sua vez, contribuíram para a distribuição espacial da própria cidade, ou seja, temos um ciclo que envolve a industrialização e o café como atrativos de mão de obra que aumentaram a população paulistana, servidora da elite que também se expandia, espelhada na elite europeia, que ansiava por qualidade de vida semelhante aos usos e costumes da Europa. Todos estes elementos são ingredientes fundamentais para o estudo das questões urbanísticas de São Paulo.

A fim de pensarmos sobre os desportos em São Paulo nos debruçaremos sobre o Parque Antarctica, que é apenas um viés diante da miríade de possibilidades acerca do tema, merecendo por isso, ser iluminado à guisa de pesquisa, devida a sua importância social como partícipe ativo da história da cidade, seja em aspectos esportivos ou até nas relações econômicas que envolvem a imigração e a industrialização. Ao longo deste

1 CORBUSIER Le. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec Edusp. 1993, p.39

trabalho de monografia tentaremos deixar claro como o Parque Antarctica se torna fundamental para se entender e refletir sobre a urbanização e ocupação dos espaços por atividades de lazer na cidade de São Paulo.

Outrossim, faz-se necessário salientar que, por ser um objeto de estudo que contempla diversas facetas, esta monografia se insere no campo da História Urbana, trazendo a reboque os conceitos históricos baseados na Escola dos *Annales*, movimento historiográfico surgido na França no início do século XX que permite novas abordagens de estudo e pesquisa, visando uma melhor compreensão das civilizações e suas estruturas, não mais fixadas em análises políticas mas agora nas sociais e econômicas.

Partindo deste princípio, podemos pensar no papel da arquitetura e urbanismo, além do patrimônio edificado, como elementos para produção de identidade e de imagem para a cidade de São Paulo, que se transformou num curto de espaço, se levado em consideração o momento em que praticamente a província manteve-se intacta, da chegada dos jesuítas em 1554 até o último quartel do século XIX. Para isso essa monografia divide-se em três capítulos, com o primeiro denominado de: “São Paulo e o Lazer: A Emergência do Parque Antarctica”, que aborda o crescimento da cidade e a procura por espaços relacionados à difusão das noções de esporte e lazer, à localização destes e de que maneira a população paulistana, tanto a elite quanto as classes menos favorecidas socialmente conviviam com este novo pensamento.

O segundo capítulo tem o título de “O Parque e sua estrutura”, no qual se discute como o amadurecimento do futebol na cidade de São Paulo e sua profissionalização serviram de base para a consolidação do Parque Antarctica como um dos principais locais para o esporte e sua relação com o Palestra Itália, equipe formada por imigrantes italianos que, primeiramente alugavam seu espaço, depois efetuaram a compra do imóvel e promoveram uma série de reformas e alterações que, em larga escala, representava as transformações que a própria cidade fizera.

Por fim, um terceiro capítulo chamado “Os arredores do Parque: breve relato sobre o impacto das alterações arquitetônicas na região”, a fim de ilustrar o desenvolvimento urbanístico não só no entorno do Parque Antarctica mas de uma área que permeia os bairros da Lapa, Perdizes, Pompéia e Água Branca, que tiveram alterações ao longo do século XX, sobretudo em função da maciça presença industrial que ali se instalara e, posteriormente, com o decréscimo desta industrialização e o surgimento de outras demandas de ocupação espacial voltadas, principalmente, ao comércio e ao entretenimento.

1. São Paulo e o Lazer: A Emergência do Parque Antarctica

O cronista que narra os acontecimentos,
sem distinguir entre os grandes e os pequenos,
leva em conta a verdade de que nada
que um dia aconteceu pode ser perdido para a história.

Walter Benjamin

As últimas décadas do século XIX são consideradas como a segunda fundação da cidade de São Paulo, iniciada com as impactantes transformações decorrentes da administração do intendente João Teodoro, que criou as bases para a transformação da vila colonial em metrópole do século XX. (PAULA, 1939) Esse período de transformação é estudado por diversos autores, devido à sua complexidade e importância para a compreensão da História de São Paulo. Nesta pesquisa pensaremos nos aspectos arquitetônicos e urbanísticos em perspectiva histórica. A passagem para uma vertente de industrialização ligada ao forte fluxo imigratório alterou o *modus vivendi* dos habitantes e proporcionou novas maneiras de sociabilidade em São Paulo.

A chegada do século XX trouxe um novo momento para a cidade de São Paulo impulsionado pelo café e com o surgimento de indústrias que atraíam pessoas de todas as partes do Brasil e do mundo aumentando gradativamente a sua população. Para se ter uma ideia deste crescimento vertiginoso, a cidade contava em 1872 com 31.385

habitantes passando para 1.326.261 habitantes em 1940². Muitos imigrantes eram alocados nas fazendas de café do interior do Estado, e a falta de adaptação à lavoura ou atritos de diversas naturezas faziam com que muitos deixassem o campo e se dirigissem para a cidade, no intuito de procurar emprego e moradia nas vizinhanças das linhas das estradas de ferro, fixaram-se, quase sempre, em grupos, como os italianos no Brás, Bom Retiro, Moóca e Belenzinho. A industrialização que despontava abarcava em si a valorização de certas áreas da cidade em detrimento de outras, moldando a utilização do espaço urbano entre aqueles que moravam em regiões privilegiadas e os que suportavam as parcas condições oferecidas pela vida urbana moderna.

A elite paulistana, símbolo desta metrópole do café, almejava uma cidade mais moderna e o governo de Antônio Prado Junior, como intendente e depois prefeito, de 1899 a 1911, foi o responsável pela construção de uma imagem europeia na capital paulista. De suma relevância é a abordagem acerca dos parques que começam a surgir na primeira República, sob influência de um positivismo que pregava melhores condições de salubridade individual e pública. Nesse momento surgiam bairros cujos nomes já denotavam tal preocupação: Higienópolis, Saúde, Aclimação, o que demonstra o afastamento desta elite em relação aos bairros operários que se formaram em decorrência do número de indústrias instaladas em áreas marginalizadas socialmente naquela época na cidade. Essas áreas possuíam imensa quantidade de funcionários provenientes do processo migratório pelo qual a cidade de São Paulo passou intensamente ao longo do século XIX e que também será de bastante valia para a compreensão do recorte histórico desta pesquisa.

A transformação urbana verificada mostra o extravasamento dos limites do Triângulo Histórico, formado pelas ruas São Bento, XV de Novembro e Direita, balizadas pelo Mosteiro de São Bento, o Convento de São Francisco e o Convento do Carmo. Sendo considerado o coração da cidade, desde a fundação em 1554, até meados do século XIX, o Triângulo era praticamente a própria cidade. Para aumentar sua área, a cidade deveria ultrapassar o Vale do Anhangabaú e/ou a Várzea do Carmo, ocupando as áreas livres existentes após as depressões do Ribeirão Tamanduateí à leste, e Anhangabaú, a oeste. As depressões a oeste foram atravessadas pelos viadutos que foram sendo implantados. A construção do primeiro Viaduto do Chá, em 1892, por Jules Martin, permitiu a abertura de um dos lados do triângulo fazendo com que se ocupasse o

² Disponível em <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_brasil.php> Acesso em: 20 jan 2014

outro lado do vale e, posteriormente, a criação de novos bairros como Santa Ifigênia, Campos Elíseos, Santa Cecília, Bela Vista e Água Branca. Sanear e embelezar a cidade foram dois verbos deveras conjugados para a remodelação da cidade, desde os últimos anos do século XIX. As propostas de reforma se justificavam por uma política de salubridade em plena divulgação na Europa e Estados Unidos, dentre as quais, têm-se a icônica ação do Barão Haussmann (1853-1870), em Paris. Exemplos mais próximos, como La Plata e Buenos Aires, na Argentina, ou mesmo o Rio de Janeiro, com Pereira de Passos (1903-1906), também eram analisados.

No tocante à urbanização, Ernani Silva Bruno aborda as transformações que ocorriam na paisagem de São Paulo, com um panorama acerca do novo momento pelo qual a cidade passava:

Retificaram-se ruas, regularizaram-se velhos largos tortuosos e desnivelados e sobretudo abriram-se avenidas e se fizeram arruamentos mais perfeitos, de forma que já em fins do oitocentismo um observador podia distinguir com nitidez, pelo desenho dos quarteirões, a parte velha da parte nova da cidade.³

Ao crescimento exacerbado da cidade somado às condições em que isto ocorrera, ou seja, a maneira desordenada e vertiginosa deste processo, demandava-se maiores soluções por parte do poder público, das quais Bruno se refere, utilizando como exemplos os locais públicos de lazer que a cidade dispunha na época:

Os jardins públicos – excetuando-se o velho parque da Luz -foram feitos a partir dos últimos trinta anos do século passado. A princípio cercados de grades, dispendo quase sempre de quiosques, de chalés e de repuxos. [...] A partir dos últimos anos do oitocentismo parece que por influência do exemplo norte-americano, substituíram-se os jardins cercados de grades por jardins abertos, com canteiros desenhados de acordo com novos estilos. Mas isso um tanto desordenadamente até os primeiros anos do século atual, quando o poder municipal passou a se preocupar mais atentamente com a regularização deles e com a sua arborização e a das ruas. [...] Foi a partir de então que a cidade pode contar com parques como o do Anhangabaú e da Várzea do Carmo, nas imediações do centro, e como o Parque Antarctica e o do Museu Paulista, nos arrabaldes.⁴

Destarte, a necessidade por espaços de lazer foi se tornando cada vez maior, baseada nas referências europeias modernas, como os cafés, teatros, confeitarias e demais demandas de espaços onde uma sociabilidade que se pretendia refinada e civilizada, segundo expressões da época, poderia reinar. O teatro São José, por exemplo,

3 BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo, vol III. Metrópole do café (1872-1918)* São Paulo: Editora Hucitec, 1984, 3.ed, p.968

4 *Op.cit*, p.969

de 1876, apresentava temporadas líricas concorridas, nas quais a elite local que já tinha uma vida noturna bastante movimentada, mais tarde representada também pelo Teatro Municipal, de 1911, se apresentava ao público. Nicolau Sevcenko destaca a nova mentalidade cultural e as recentes formas de sociabilidade que vieram a reboque da eletricidade, do automóvel, de diferentes práticas desportivas, como o futebol, do qual trataremos mais tarde. Para o autor:

muitos desses hábitos e práticas já existiam e estavam em vigência desde o começo do século [XX], pelo menos. Mas é nessa conjuntura que eles adquirem um efeito sinérgico, que os compõem como uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural: como a fonte de uma nova identidade e um novo estilo de vida. Seu público é composto maciçamente dos que então passam a ser chamados, exatamente por serem adeptos dessas práticas e dessa mentalidade, os “jovens”, expressão que adquire uma conotação toda especial e uma carga prodigiosa de prestígio.⁵

Corroborando com o argumento utilizado acima por Sevcenko, Margareth Rago também salienta a importância da mudança de comportamento da sociedade que começava a ver as práticas desportivas cada vez mais presentes em seu cotidiano. Tais atividades cresciam concomitantemente ao incremento populacional e, conseqüentemente, a necessidade de locais específicos para o esporte e lazer se fazia cada vez maior:

Competições esportivas de natação, remo e ciclismo, promovidas pelos clubes recreativos privados passavam a ser valorizadas, como formas de libertação do corpo e como meios através dos quais a sociedade podia identificar-se como moderna. A vida social fechada nas fazendas e restrita às missas era substituída pela busca cada vez mais constante das ruas e praças, dos passeios e encontros na esfera pública, da vida em sociedade que se constituía referenciada pelos padrões do mundo dito civilizado⁶.

Sendo assim, um dos anseios desta monografia é mostrar o campo do esporte como agente modificador da cidade e do comportamento de quem nela viveu, já que o espaço urbano ganhava novos elementos, muitos baseados numa versão de arquitetura europeia do século XIX que substituiria uma versão colonial, gerando, anos mais tarde, um debate arquitetônico sobre a criação de um estilo nacional, conforme visto nas crônicas de Menotti del Picchia. (CASTRO, 2008)

Os esportes eram majoritariamente praticados pela elite, principalmente o tênis e o

5 SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.33

6 RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950*. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.7

remo, demonstrando uma intensa segregação social, racial e sexista. Um dos primeiros elementos modificadores da cidade de São Paulo que surgiu em decorrência do esporte foi o Velódromo de Dona Veridiana Prado e família, construído no início da década de 1890. Situado nas proximidades de onde hoje se encontram a Rua da Consolação, a Rua Nestor Pestana, a Praça Roosevelt e a Rua Martinho Prado. O projeto do Velódromo foi de Tommazo Bezzi, com uma raia elíptica de 380 metros de foco, por 8 metros de largura, contendo um jardim ao centro. Havia também duas arquibancadas cobertas, uma em frente a outra ao redor da raia para até mil pessoas, além de uma quadra de tênis e de tanques para banho. As corridas de bicicletas eram uma forma de afirmar um contato direto com a civilização europeia. Mais tarde, em 1896, o Velódromo transformar-se-ia em campo de futebol, sendo anos mais tarde arrendado ao *Club Atlético Paulistano* para ser o palco de inúmeras partidas do novo esporte que já chamava a atenção de boa parte da elite paulistana, a partir de 1902: o *soccer*, o futebol.⁷

Em contrapartida, o problema das moradias operárias e a formação de bairros mais pobres, com suas vilas e cortiços também são fruto da análise de Nestor Goulart Reis, ao afirmar que os mesmos loteadores que implementariam os bairros novos seriam responsáveis pelos loteamentos de baixa renda⁸. A legislação municipal era categórica ao proibir a construção de casas de operários e cubículos próximos ao perímetro do comércio, porém,

nenhuma legislação foi capaz de disciplinar a localização e a qualidade das habitações operárias ante a tática de sobrevivência das camadas de baixa renda da crescente população paulistana. Terrenos de menor custo, redundando em localizações distantes, insalubres, de difícil topografia, áreas em deterioração na cidade com construções de maior porte transformadas em cortiços ou mesmo em resíduos em loteamentos de alto padrão serviram como pontos para moradias humildes ou precárias desde o final do século XIX e adentrando bastante no século XX⁹.

7 MILLS, John. *Charles Miller: O pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005

8 REIS, Nestor Goulart. *São Paulo e outras cidades*. São Paulo: Hucitec, 1993.

9 SEGAWA, Hugo. *São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954*. In: *PORTA, Paula (Org.). História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.353

1. 1 A indústria como provedora do lazer

Dentre tantas indústrias instaladas na cidade, a produção de bebida será um viés para a análise deste recorte histórico. Em 1868, Louis Bücher, filho de uma família de cervejeiros alemães, instalou-se na cidade de São Paulo e abriu sua pequena cervejaria, utilizando-se de milho, arroz e outros cereais. Já em 1882, Bücher associa-se a Joaquim Salles, proprietário de um abatedouro de suínos cujo terreno ficava nas proximidades do bairro da Água Branca e tinha o nome de Antartica.

Bücher via em Salles a possibilidade de sucesso numa nova empreitada, uma vez que Salles possuía em seu abatedouro uma máquina de gelo, pois permitiria a fabricação da cerveja. Assim sendo, da união dos dois, surgiu em 1888, na Água Branca, a “Antartica Paulista – Fábrica de Gelo e Cervejaria”, sob direção de Louis Bücher. Em três anos, a empresa mudou seu nome para Companhia Antartica Paulista, tornando-se uma sociedade anônima com mais de cinquenta acionistas e capital inicial de 2245 contos de réis. (SANTOS, 2004)

No final do século XIX a Companhia Antartica Paulista criou o Parque da Antartica, antes uma pequena fazenda que criava porcos. O novo espaço de lazer de 300 mil metros quadrados era destinado para os funcionários da CAP, próximo à fábrica de gelo, que era a atividade inicial da Cia., contendo uma vasta área verde (com um pequeno lago, coreto e bosques), parque infantil, choperia, restaurantes e áreas para a prática de esportes (incluindo pistas de atletismo, quadra de tênis e um dos primeiros campos de futebol da cidade, além de boxe e corridas de automóvel) voltados à elite mas que despertava também a atenção dos demais frequentadores, principalmente o futebol, praticado na Várzea do Carmo e, posteriormente, sua massificação que levava milhares de pessoas às partidas nos campos existentes no Parque. Um dos motivos da criação do Parque era tornar a cerveja uma bebida ainda mais popular, já que uma multidão o frequentava nos finais de semana e feriados. *A união entre Antartica e os controladores do circuito exibidor mais importantes do estado, com poderosas ligações pelo interior, era vital para a manutenção de um mercado cativo para os seus produtos*¹⁰. A Companhia Antartica criou, em 1926, o Cine Central na Avenida São João, como mais um elemento empreendedor visando uma ampliação de seu mercado consumidor.

10 SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagem do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo. Editora Senac São Paulo: 2004 p.223



Cartão postal da Collectoria Federal, entre os anos de 1911-1913. Disponível em:

<sambahistorica.wordpress.com/tag/cine-central>

Para tanto, uma série de melhoramentos na região do Parque foi promovida pela Companhia, como iluminação nas vias e patrocínio na construção de linhas de bonde nas duas vias da Avenida Água Branca. Além disso, servia para campo de pouso dos primeiros aviões que arremeteram e decolaram em São Paulo. De acordo com a revista *S. Paulo Ilustrado*¹¹:

É uma delícia ver-se, no pitoresco Parque da Antartica ou nas vastas bancadas do antigo Velódromo, uma fileira inteira de senhoras, em finas e apuradas toilettes de verão, agitar-se na emoção frenética do jogo, bater palmas sonoras para aplaudir um *goal*, olhar com franca simpatia para os *foot-balls*, ou acompanhar com olhos ávidos, quase febris à força de intensidade emocional, a esfera de couro que subiu ao ar sob o impulso de um *shoot*...

Com a chegada e expansão do futebol, nos primeiros anos do século XX, o espaço do Parque passou a ser cada vez mais requisitado e a empresa aproveitou a oportunidade ao alugar o campo de futebol para clubes da cidade que estavam surgindo naquele momento. Além de se tornar um dos principais campos para a prática do futebol, o Parque era referência para uma série de eventos ao ar livre, como exhibições de boxe e até corrida de automóveis. Em julho de 1908 sediou a primeira corrida automobilística disputada na América do Sul, o “Circuito de Itapeperica”, que terminou com vitória do

11 RAGO, Margareth. *Op. Cit* p.393

paulista Sílvio Penteado pilotando um carro Fiat de 50 cavalos de potência. (REIS, 1993)

Em 3 de maio de 1902, com o jogo entre o Mackenzie College e o Germânia (atual Esporte Clube Pinheiros) no Parque da Antárctica, deu-se início ao primeiro campeonato oficial de futebol do Brasil, o Campeonato Paulista. O Mackenzie, fazendo 2 gols a 1 no Germânia, venceu a partida. No início, o Germânia (clube de origem alemã) era o mandante do estádio. Acerca do arrendamento por parte do clube alemão, vale a pena salientar as condições impostas pela Companhia Antárctica Paulista no contrato assinado entre as duas partes¹²:

Fica arrendado ao Sport Club Germania a parte do Parque Antárctica, onde se acham installados os dois campos de Foot-Ball, a saber:

Toda parte baixa do referido Parque, a começar da porteira que na parte alta dá entrada para os ditos campos, dividindo o terreno, ora arrendado, com as outras partes do Parque por uma cerca de arame e pelas construções que serão feitas ao lado do portão que fica para cá do edifício para jogo de bolas, assim como todo o Bosque, que confinda com a Avenida Agua Branca, Rua Turiassú e Avenida Pompéia, fazendo parte deste arrendamento todas as construções e bem-feitorias feitas no terreno assim descripto, especialmente as archibancadas, toilettes, carramanchões e a casa do Guarda com as suas dependencias; fazem parte alem disso tambem os 2 campos de Lawn-Tennis existentes na parte alta do mesmo Parque, logo a esquerda da entrada principal, com as suas respectivas dependencias.

Entretanto, com o início da Primeira Guerra Mundial, o Germânia diminuiu suas atividades sociais, e repassou seu contrato de locação ao América F.C., um clube paulistano (extinto) de pequena expressão. Com dificuldades financeiras, o América passou a sublocar alguns horários para outras equipes. A importância das práticas de lazer na sociedade paulistana representada pelo Parque Antárctica é demonstrada pelo depoimento de Zélia Gatai (1916-2008), na obra *Anarquistas Graças a Deus*:

Grande programa, o maior, o melhor de todos para mim – a ida ao Parque Antárctica, na Água Branca. Ai que frio no estômago, ao subir na roda gigante! E o carroussel? Era por acaso pouco emocionante galgar nos coloridos cavalos de pau? Chegava a sentir vertigem daquele sobe-e-desce dos cavalinhos rodando, rodando... Havia um hábito intolerável dos adultos: plantavam-se de pé, cada qual ao lado de uma criança. Eu detestava esta proteção, preferia andar solta, galopar em liberdade. No fundo, no fundo, não seria apenas um pretexto dos sabidos para se divertirem às nossas custas? E os trenzinhos puxados a burro, circulando pelo parque todo? Carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros? Os pirulitos de todos os formatos e cores? As bolas de ar, subindo lá no céu, presos por um barbante? O algodão de açúcar? As gazosas e os sanduíches? O Parque era divino! Pena não frequentá-lo sempre. Não adiantava pedir que nos levassem, chorar, espermiar. Parque Antárctica? Outra vez? Com essa criança toda? Querendo tudo o que vê? Não, não sou Matarazzo nem Crespi! - Desculpava-se papai. Mamãe reforçava a recusa do marido, aproveitava para nos ensinar um pouco de

12 Cópia do contrato cedida gentilmente pelo Centro Pró-Memória Hans Nobiling, do EC Pinheiros

sua língua: “Bisogna um sacco de soldi”, um sacco de dinheiro, sim, traduzia.

Outro depoimento condizente com a proposta de estudo deste trabalho veio do ex-governador de São Paulo, André Franco Mutoro (1916-1999), lembrando de sua infância na biografia editada por Pedro Cavalcanti¹³:

A diversão ficava por conta dos passeios de bonde nos finais de semana até o Parque Antarctica, onde havia um parque de diversões, quiosques com venda de comidas e bebidas e muito espaço para brincadeiras. Quando meu pai comprou um forde-de-bigode, íamos visitar os novos loteamentos batizados Jardins, que a companhia inglesa City estava abrindo na região vizinha à Avenida Paulista. Muitos duvidavam da viabilidade do empreendimento. A região era considerada um arrabalde, verdadeiro fim de mundo, dizia-se que tinha até borrachudos.

Este pequeno panorama é requisito para distinguir dois grandes pilares dos quais esta pesquisa se baseia: esportes e indústria, sendo o primeiro, decorrência do segundo, no sentido em que trabalho e lazer serão concomitantemente peças-chaves para a compreensão do homem na transformação da cidade de São Paulo no referido espaço-tempo. Em relação ao espaço propriamente dito, o Parque localizava-se na Avenida da Água Branca, hoje denominada Avenida Francisco Matarazzo, na região das Perdizes, subdistrito que contempla o bairro de mesmo nome, além de Pacaembu, Sumaré, Vila Pompeia e Água Branca, pois a forte presença industrial influenciou diretamente na urbanização desta região de São Paulo.

O início da urbanização ali se dá a partir da inauguração da São Paulo Railway em 1867, ligando Jundiaí a Santos, promovendo gradativamente a aglomeração da população que passaria por um crescimento exacerbado ao longo das primeiras décadas do século seguinte. A instalação das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, na região da Água Branca, próxima ao rio Tietê, por volta de 1911, para atuar na área de produtos alimentícios, fiação, tecelaria e tintura também seria um dos fatores para a ocupação daquela região. Aos poucos a família Matarazzo criaria o maior império empresarial da América Latina, aproveitando-se da própria estrada de ferro existente para criar a Estação Matarazzo, destinada ao transporte de matéria-prima, produtos industriais e funcionários.¹⁴

Além da fábrica do Conde Matarazzo, já estavam nas redondezas a Santa Marina, produtora de vidro, fundada pelo Conselheiro Antônio Prado em 1896, que inclusive fornecia seus produtos como vasilhames para engarrafar as bebidas produzidas pela

13 MONTORO, André Franco. *Memórias em Linha Reta*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000 p.19

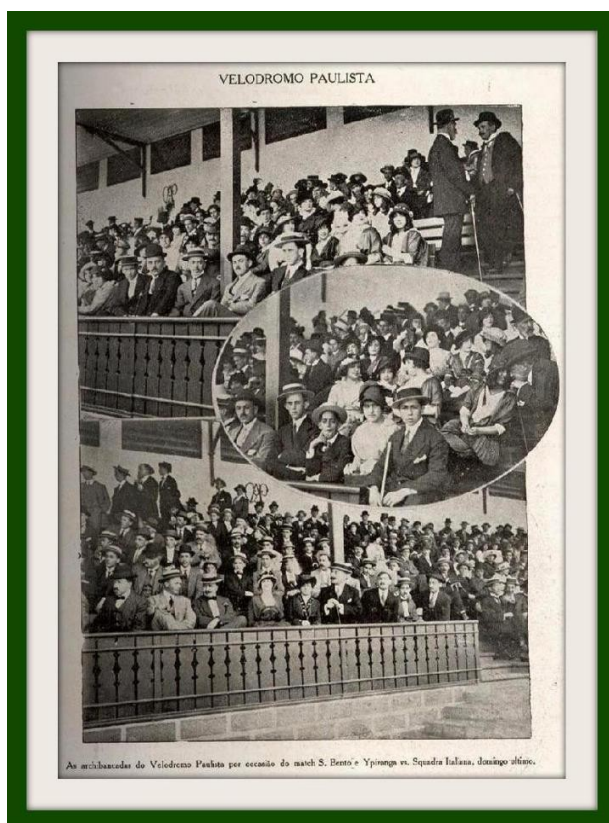
14 COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo, Colosso Brasileiro*. São Paulo: Editora Planeta, 2004. p.63

Companhia Antarctica. Portanto, o complexo industrial não ficava restrito às posses dos Matarazzo, sendo estendido a uma maior gama de atividades que trabalhavam entre si.

2. O Parque e sua estrutura

O Palmeiras é assim, é o jardim suspenso, você sobe para a glória.
César “Maluco”

O futebol, esporte trazido da Inglaterra ao Brasil por Charles Miller em 1894, foi praticado primeiramente com integrantes do *São Paulo Athletic Club*, já praticantes de *cricket*, e funcionários da *São Paulo Railway*. Paulatinamente, surgiram diversas outras equipes que promoveriam fortemente a divulgação do novo esporte, atraindo a atenção de boa parte da população. Neste período, os espaços destinados para a realização dos jogos eram, além do Parque Antarctica e do Velódromo, a Chácara *Dulley*, localizada no Bom Retiro, pertencente ao time inglês *São Paulo Athletic Club*, a Chácara da Floresta, na Ponte Grande, próximo ao Tietê, sendo o campo da Associação Atlética das Palmeiras, o Jardim América como sede do CA Paulistano e os campos da Várzea do Carmo para os não-pertencentes à elite, uma vez que o futebol já estava por ultrapassar o caráter restrito da aristocracia, se propagando de maneira cada vez mais forte entre a população de baixa renda.



Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

De acordo com o *site* Palmeiras¹⁵, foi assim que, em 1917, o Palestra Italia passou a realizar seus jogos no Parque da Antartica. O contrato previa que o América utilizaria o campo nas terças, quintas, sábados, domingos e feriados na parte da manhã, enquanto o time do Palestra Italia utilizaria nos mesmos dias no período da tarde, tanto para treinos como para as partidas oficiais.

Em 1920, contando com o apoio da Companhia Matarazzo, o Palestra Italia (ressalta-se aqui a grafia da palavra Italia sem acento na época) efetuou a compra do campo de futebol e de grande parte do terreno do Parque Antartica pelo valor total de 500 contos de réis, uma verdadeira fortuna à época. As condições de pagamento também não eram muito favoráveis: metade à vista, outra metade em duas prestações anuais de 125 contos de réis. Era uma aposta ousada, mas que foi aceita de pronto pelo presidente Menotti Falchi. Exatamente no dia 27 de abril de 1920, o contrato entre as partes foi firmado. Na escritura de compra, as condições de favorecimento aos empregados e ao comércio dos produtos Antartica eram explícitas. A exclusividade duraria 99 anos: desde a fundação do Parque, 1904, até 2003, só produtos daquela fábrica poderiam ser

¹⁵ Disponível em <<http://palmeiras.com.br/>>. Acesso em: 20 novembro 2013

vendidos.

O Palestra Italia conseguiu, com dificuldades, arcar com as duas primeiras parcelas do pagamento, porém não conseguiu saldar a última delas. A solução foi vender uma parte do terreno para o conde Francisco Matarazzo, (onde seria o Shopping Matarazzo e atualmente é o Shopping Bourbon) que pagou a soma de 187 contos de réis. Aos poucos, o clube passou a investir em grandes reformas no local, incluindo a construção da arquibancada geral, ainda de madeira, e da tribuna social (reservada aos associados do clube). Muitos anos depois, na década de 1960, readquiriu dos Matarazzo parte da área cedida, onde se instalaram o Palácio do Tênis e o prédio administrativo, trocando por terreno na Rua Carlos Vicari que o clube havia adquirido justamente para essa finalidade.



Portão de entrada do Parque Antarctica – 1921. Disponível em:
<<http://palmeirasonline.com/wp-content/uploads/2010/10/palestra1921.jpg>>



Torcedores observando a uma partida - 1922

Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

Passada a compra do imóvel, o importante era pensar na construção de um estádio novo, para isso a diretoria promoveu um concurso para arquitetos italianos residentes no Brasil ou na Itália para que recebessem seus memoriais com as demandas impostas pela diretoria. A vontade em erigir um patrimônio edificado era imensa, mas isto consolidou-se anos mais tarde. O ano de 1921 se passa sem que o interesse pelo projeto fosse manifestado pelos arquitetos italianos, quer seja pela distância dos que na Itália residiam, quer pelos poucos residentes no Brasil, o fato é que, no ano seguinte, o concurso sofre alterações sendo aberto também aos arquitetos brasileiros e com uma premiação de 5 contos para o primeiro colocado, 3 contos para o segundo e 2 contos para o terceiro. No primeiro semestre de 1923, foram apresentados dezesseis concorrentes, porém, uma cláusula contratual não permitia ao Palestra investir mais que 1500 contos na obra, o que reduziu o número de projetos para seis firmas. Foram os escritórios de Fernando Malgarini, de Milão e de Raul Penafirme, do Rio de Janeiro e os demais de São Paulo. A comissão julgadora formada por Ramos de Azevedo, Victor da Silva Freire, Antonio Rocco, Nicola Rollo e Alfonso Chioccarello. Com o pseudônimo de “Spartaco”, vencera o projeto do dr. Ettore Battiti, contudo, problemas administrativos não permitiram a execução da obra, porém, estava lançada a centelha para a realização do empreendimento.



Projeto “Spartaco” - Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

Dentre diversas publicações acerca da história do Palestra Italia, a revista de mesmo nome, datada de 1929 é de extrema importância documental para o entendimento do patrimônio edificado do clube, tratando justamente das reformas pelas quais o estádio passaria na década de 30:

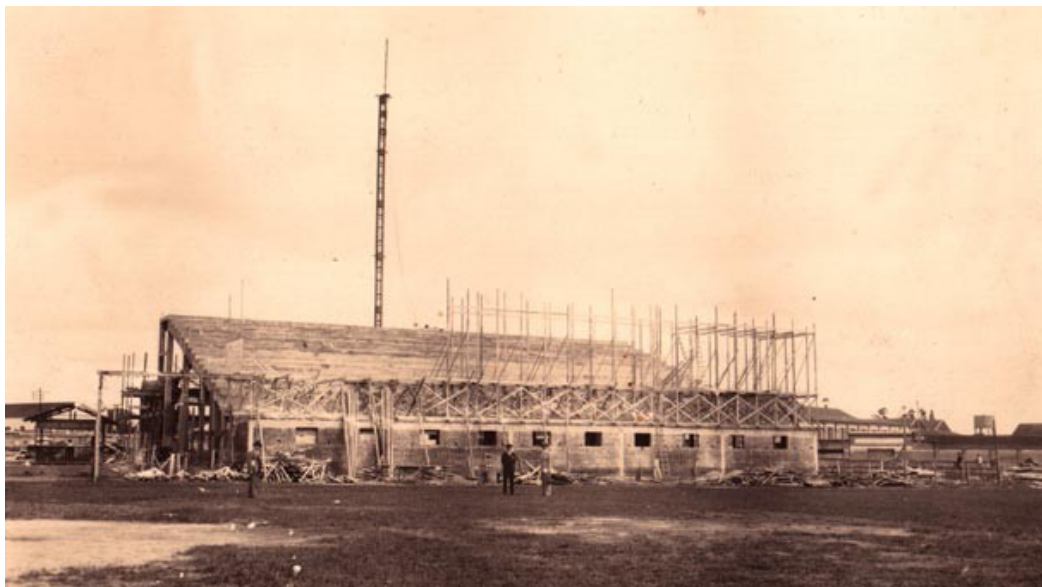
este edificio mais importante e grandioso de toda a instalação e tem a forma característica, e geralmente adaptada, de um rectangulo acabado com dosi semicirculos nas extremidades medindo o eixo maior 270 metros de comprimento e o menor 160 metros¹⁶.

16 Revista Palestra Italia, 1933, p.9

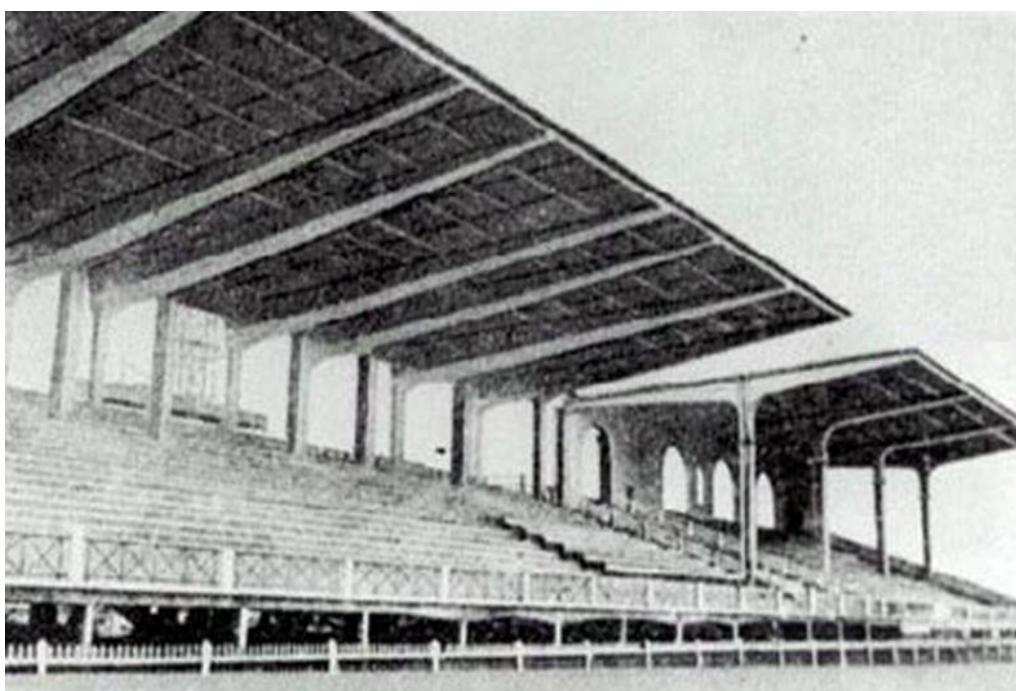


Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

No dia 24 de maio de 1930 é realizado o primeiro jogo noturno no estádio: Palestra Italia 3 x 3 Juventus. É possível distinguir, de acordo com a reformulação do estádio, um processo que demonstra um novo conceito na construção civil em que o carro-chefe será o concreto armado e suas aplicações nas mais diversas formas, como a construção da tribuna social e das arquibancadas que substituiriam as anteriores feitas de madeira, proporcionando melhores condições para um número maior de torcedores, muitos deles chegando ao estádio pelos bondes que saíam do centro da cidade, sendo inauguradas em 13 de Agosto de 1933, na partida Palestra Italia 6 x 0 Bangu, pelo Torneio Rio-São Paulo, quando o estádio passou a chamar-se "Stadium Palestra Italia" nome que já era popularmente usado: maior e mais moderno estádio de futebol do país na época até a construção do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, conhecido também como Pacaembu, em 1940.



Outra perspectiva da arquibancada. Disponível em:
<http://www.gazetaesportiva.net/nota/2010/07/10/644576.html>



O concreto armado presente nas novas instalações do estádio. 1933. Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

Em setembro de 1935, com o clube crescendo cada vez mais em realizações sociais, bailes e festas, foi criado o Departamento Social a fim de que tais práticas fossem melhor geridas e realizadas, ratificando a importância do clube na vida social paulistana da época. Neste mesmo período, a sede social do clube foi transferida do centro da

cidade para o entorno do estádio. Além disso, o espaço abaixo delas serviria para abrigar outras dependências do clube como sala de troféus e partes do setor administrativo. O estádio ainda contaria com: piscina e uma arquibancada para 400 pessoas, um espaço destinado a três quadras de tênis, promovendo ainda mais o local perante seus praticantes e uma seção hípica, aos fundos do terreno, com entrada pela Rua Turiassú.

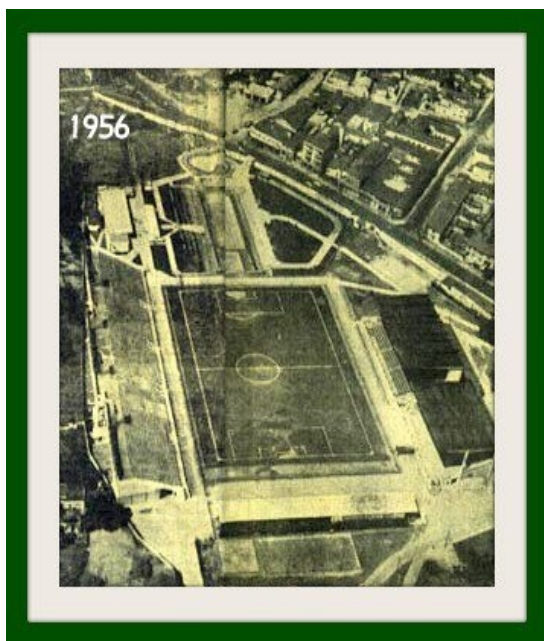


1-Futebol, 2-Atletismo, 3-Quadra de Basquete com arquibancadas, 4-Quadras de Tênis, 5-Tribuna
Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

A preocupação com o desenvolvimento patrimonial se mostra com a ampliação do estádio, ocorrendo mais uma vez em 1936, com a festa da inauguração da Tribuna Vitalícia e de Honra, um novo bloco de concreto armado ligando-se aos construídos em 1933, para que embaixo se instalassem restaurante e salão de festas. Na década de 50, uma nova reforma é realizada, sob projeto do Engenheiro Clovis Felipe Olga, unindo as duas arquibancadas em forma de “U” fazendo uma “ferradura” e criando um novo lance de arquibancadas acima destas permitindo um número ainda maior de torcedores nos dias de jogos.

Uma das reformas mais impactantes sofridas pelo Estádio Palestra Itália vai de encontro à própria geografia do local onde este se situa, na região da Água Branca. A

título de informação, o córrego de mesmo nome corre em tubulações sob a Avenida Sumaré, juntando-se ao córrego da Água Preta, cuja nascente fica no bairro da Pompéia, desaguando no rio Tietê. Não é preciso muita chuva para que a região lindeira ao empreendimento sofra as consequências provocadas pelas enchentes. A solução encontrada pela equipe de Olga foi elevar o patamar do gramado para que este não fosse prejudicado no caso da enchente, sendo assim, o campo de futebol passara a ter uma distância de dois metros e meio de altura em relação ao solo, tornando-se conhecido como os “Jardins Suspensos de Palestra Italia”. Abaixo do campo ficariam os vestiários dos jogadores, um ginásio com cine-auditório e outros departamentos de esportes amadores, almoxarifado e manutenção. A reinauguração do estádio se deu no dia 7 de Setembro de 1964, em uma partida válida pelo Campeonato Paulista, com vitória do Palmeiras sobre o Guaratinguetá, por 2x0.



Fonte: Arquivo Histórico Sociedade Esportiva Palmeiras

Assim como a cidade de São Paulo que passou por diversas alterações ao longo de sua história, relembrando a obra de Benedito Lima de Toledo, *São Paulo: Três Cidades em um Século*, podemos dizer que, dadas às devidas proporções, um processo semelhante ocorreu na área demarcada como ponto de pesquisa desta monografia, ou seja, a fábrica, o parque e o estádio. Três diferentes esferas de relacionamento social que demonstram a maneira de se viver em temporalidades distintas. Seguindo nesta linha, o

Palmeiras promoveria a maior mudança já feita em seu estádio, iniciada em 2010, com a construção de uma nova arena com capacidade para 45 mil pessoas.

Aqui adentramos num novo patamar arquitetônico, as chamadas arenas multiuso, consideradas como um passaporte para a entrada no século XXI. Surgidas nos Estados Unidos como alternativa à violência praticada nos estádios, tem como definição:¹⁷ espaços com capacidades diferentes - estádios ou ginásios - destinados a realizações de diversos eventos, como espetáculos culturais: teatro, shows, apresentações esportivas, convenções partidárias e de cunho religioso que agregam alta tecnologia de som e imagem a seus espectadores. Algumas apresentam cobertura retrátil, cadeiras removíveis e em, alguns casos, a própria pode se dividir para a realização de eventos simultâneos.¹⁸

Não é intuito desta monografia adentrar o campo da análise historiográfica denominada História do Tempo Presente, em que o historiador, não parte de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a de um passado distante, mas sim uma experiência da qual ele participa como indivíduo. Entretanto, faz-se necessário, à guisa de compreensão, um breve relato, conforme feito acima, sobretudo no aspecto arquitetônico, de como este novo conceito de espaço de lazer e práticas desportivas nos parece ser a entrada para o século XXI, com a utilização de tecnologia a serviço de uma maior qualidade e comodidade para o seu público-alvo.

17 Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/relato/aren-mul.pdf> Acesso em: 20 jan 2014

18 *Idem*.

3. Os arredores do Parque: breve relato sobre o impacto das alterações arquitetônicas na região

As formas urbanas são o produto da história; sob o nome de cidade, acumula-se uma quantidade de experiências que não perfila o rigor de um conceito
Roncayolo

O capítulo anterior mostrou um panorama das diversas alterações sofridas pelo Estádio Palestra Italia durante sua aquisição pela agremiação, de 1920 até a primeira década do século XXI. Em linhas gerais a discussão deste capítulo gira em torno da transformação da região em que o estádio se situa, mais precisamente o bairro da Água Branca, na zona oeste da capital paulista.

A área delimitada é compreendida entre os arredores da Avenida Francisco Matarazzo – nome da antiga Avenida da Água Branca (um dos primeiros registros urbanos do local, construída com capital proveniente da Cia Antarctica) e também as ruas Carlos Vicari, Guaicurus e Cléia, além de parte da Avenida Santa Marina. Com a instalação da São Paulo *Railway* em 1867 e da Estrada de Ferro Sorocabana em 1874, a região paulatinamente começou a ser atrativa para as indústrias que se instauraram por conta das duas ferrovias e também dos baixos preços dos terrenos, sendo que a formação do bairro se caracterizou pela ocupação residencial ao sul das linhas ferroviárias – o que abrange também os bairros de Pompéia e Perdizes - e pelo uso industrial ao norte.



Estação da Água Branca ladeada pela Vidraria Santa Marina. 1918. Disponível em:

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/a/agbranca.htm>

As instalações industriais também permitiram o crescimento do bairro da Lapa, que acabou sendo dividido em duas regiões cortadas pela ferrovia: a “lapa de baixo” e o “alto da lapa”. Por motivos de segurança, havia porteirolas na linha férrea para que a população não atravessasse por cima dos trilhos do trem.

A “Lapa de Baixo” foi o local para a fixação de moradia para os trabalhadores da São Paulo *Railway*, abarcando um incremento no pequeno comércio local existente.

O relato descrito no jornal “A Tribuna da Lapa”, de 15 de outubro de 1911 corrobora com a importância da indústria no desenvolvimento da Lapa, de simples arruamento suburbano para núcleo comercial nos primórdios do século XX:

Como todos os arrabaldes onde predominam os operários, onde impera a ordem e o trabalho, a Lapa caminha a passos agigantados para a senda do progresso. Senão na vanguarda, pelo menos a “pari-passos”.¹⁹

Em 1915, o bairro passou a contar com uma melhor infraestrutura que apresentava rede de esgoto, escolas, iluminação pública, cinemas e imprensa. Seu desenvolvimento ainda ocorreu por conta das construções das marginais Tietê e Pinheiros, nos anos 50 e 60 e com o Mercado Municipal onde se realizava a maior feira livre da cidade.

19 SANTOS, Wanderley dos. *História dos bairros de São Paulo*. Volume 18: Lapa. PMSP/SMC

Um desenvolvimento urbano fomentado pela indústria denota que a ocupação ligada aos usos industriais acabou por definir a paisagem construída, com depósitos, armazéns e galpões. A industrialização, por sua vez, foi a mola propulsora para o aumento populacional, não somente daquela região, como de outras que cresciam vertiginosamente pela cidade.

Segundo Aluísio Wellichan Ramos, autor do artigo *Espaço-tempo na cidade de São Paulo: Historicidade e Espacialidade do “bairro” da Água Branca*, a região passou por três fases bem distintas, no que diz respeito à sua existência: a primeira delas trata-se de uma localidade rural, com poucos habitantes esparsamente distribuídos em sítios e chácaras, servindo de local de passagem a tropeiros e viajantes, por estar próxima à antiga estrada de Jundiaí, caminho para o interior da província, depois um segundo momento em que chega a industrialização e a região passa a viver em função do tempo das fábricas, do trabalho intenso e estressante e, posteriormente, uma terceira etapa que demonstra uma desaceleração da vida industrial, com o aumento da valorização dos terrenos do bairro decorrentes da urbanização realizada.²⁰

Podemos perceber que a segunda etapa acima descrita corresponde ao período em que a industrialização começou a se fortalecer na cidade, sobretudo nesta região, em decorrência da utilização do sistema férreo, conforme dito anteriormente. Vale a pena ressaltar, no campo arquitetônico, conforme Kuznir²¹, a vitalidade que as IRFM – Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo deram a esta localidade, quando as casas dos operários industriais, construídas por mestres de obra, em sua maioria imigrantes europeus, cujas plantas eram feitas na própria rua, chamadas de “casas de ponta de guarda-chuva”, sendo geminadas para se aproveitar melhor a área do terreno. Essa técnica não exigia projetos arquitetônicos prévios, riscava-se no próprio solo a estrutura do imóvel a fim de se ter alguma ideia da disposição dos cômodos da casa. Assim como a IRFM, a Vidraria Santa Marina também construiu casas para seus funcionários, contribuindo para a ocupação populacional da região.

Ao observarmos as moradias operárias da região percebemos uma diferenciação entre as construções relacionadas ao âmbito social pois, se de um lado, temos as construções operárias riscadas no chão com um guarda-chuva, do outro lado da cidade vemos a elite que ostenta seus nobres palacetes e casarões de barões do café,

20 Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_15/65-75.pdf> Acesso em: 20 jan 2014

21 KUZNIR, Mauro. *Urbanismo sem calçadas*. In: *Cidade: Impasses e Perspectivas*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007. pp. 108-109

mostrando que a distância entre elite e classe operária era muito mais do que simplesmente geográfica.

Inversamente à redução do crescimento industrial na região está a busca por espaços de lazer e entretenimento. Além do Parque Antarctica, posteriormente Estádio Palestra Itália, na década de 1920 um novo empreendimento, desta vez da iniciativa pública, foi criado na região como mais um elemento propiciador das práticas contemplativas ao ócio, o Parque Dr. Fernando Costa, no início conhecido como Parque da Indústria Animal e atualmente chamado de Parque da Água Branca. Situado à rua Francisco Matarazzo, o espaço conta com

137 mil metros quadrados, pouco mais de 79 mil de área verde, 27 mil edificadas e 30 mil de área pavimentada (ruas, alamedas e pátios). Os prédios em estilo normando, projetados por Mário Whately, e os vitrais do portal de entrada, em estilo art déco, desenhados por Antonio Gomide e datados de 1935, são atrativos à parte. Não se trata de uma reserva de mata nativa, mas um parque totalmente implantado, desde a construção até a vegetação. O número aproximado de espécies arbóreas adultas é de três mil²².

Outro aparelho de relevante importância na composição cultural da região, fruto também do processo da desaceleração industrial e tido como um dos marcos da arquitetura contemporânea brasileira é o Sesc Pompéia, onde se localizava a antiga Fábrica de Tambores dos Irmãos Mauser e, mais tarde, sede da Ibesa-Gelomatic, um dos primeiros prédios industriais que utilizavam a tecnologia do concreto armado em sua estrutura.²³

22 Disponível em: <<http://parqueaguabranca.sp.gov.br/o-parque/>> Acesso em: 20 jan 2014

23 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>> Acesso em: 20 jan 2014



Fábrica da Ibesa – Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>>

O projeto do Sesc Pompéia é uma intervenção de Lina Bo Bardi, após o período em que sofrera sanções durante a ditadura militar, transformando um local de trabalho árduo num espaço de lazer que preservou a linguagem arquitetônica dos galpões de tijolinho e das telhas de barro, nos trazendo à reflexão do papel da arquitetura e do urbanismo nas relações de lazer e entretenimento resultantes da industrialização que havia na região oeste de São Paulo.



Sesc Pompéia.

Disponível em: <<http://www.theguardian.com/artanddesign/2012/sep/09/lina-bo-bardi-together-review>>

Esses fatores transformadores contribuíram para que o perímetro analisado

ganhasse o status de bairro de classe média alta, impulsionando o surgimento de diversos complexos de escritórios e shopping centers, como o antigo Shopping Matarazzo - atualmente Bourbon Shopping São Paulo - e do Shopping West Plaza, na região da Barra Funda, inaugurado em 1991, além de serem elementos geradores de uma alta especulação imobiliária, ocasionando no lançamento de uma quantidade enorme de prédios e apartamentos, frutos da verticalização e de um “urbanismo modernizador”, já preconizados antes em outras regiões da cidade pela professora e arquiteta Nadia Somekh²⁴:

São Paulo transformou-se significativamente a partir dos anos 40. Porém, já a partir de 1939 observa-se uma mudança nas características do processo de verticalização. De predominantemente terciário passa a residencial e localiza-se principalmente fora da área central da cidade.

24 SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/Fapesp.1997, p.19

Considerações Finais

O século XX colocou a cidade de São Paulo em um patamar de destaque como uma das mais importantes metrópoles do mundo. A vila colonial que servia de entreposto para os tropeiros até meados do século XIX tornar-se-ia detentora do epíteto de *cidade que mais cresce no Brasil*.

Este recrudescimento, conforme apresentamos, tem ligação intrínseca com a industrialização que se desenvolveu fortemente na década de 50, mas que no início do século já se mostrava presente em diversos setores da sociedade. Além disso, vimos que a industrialização foi o preâmbulo desencadeador de uma demanda por espaços de socialização, entretenimento, lazer e práticas desportivas.

O Parque da Companhia Antarctica Paulista é um marco na história social da cidade, por ser um espaço de lazer que contemplou a classe operária e a elite paulistana, uma relação que representa bem a pluralidade característica da capital paulista, como cidade que recebe a todos.

Seu surgimento como local para a realização de diversos esportes deve ser considerado, principalmente em se tratando do futebol, o esporte praticado no país. Outrossim, esta monografia se apresenta como mais um aparato histórico que referenda o centenário da Sociedade Esportiva Palmeiras como um dos elementos partícipes da construção da cidade, desde a fundação do clube por imigrantes italianos em 1914.

A importância do Parque que se transformou em Estádio em termos arquitetônicos é relacionada mais uma vez com a indústria e o emprego do uso do concreto armado substituindo as estruturas de madeira em suas dependências, além da elevação do gramado – sendo o primeiro estádio a adotar essa tecnologia da arquitetura esportiva.

O processo de mudança é constante e uma nova arena multiuso está sendo erguida no lugar do velho Palestra Itália. Mirar os olhos para o futuro com construções modernizadoras não implica em esquecer o passado e sim valorizar o patrimônio edificado com o intuito de que cada vez mais possam ser realizados estudos e pesquisas que relacionem questões concernentes ao nosso cotidiano, como os caminhos que fazemos e lugares por onde passamos, trazendo à tona a necessidade de que a cidade deve ser pensada em conjunto, com o conhecimento de que o antigo e o novo são indissociáveis para a compreensão da nossa cidade.

Referências Bibliográficas

- BRUNO, Ernani Silva. *História e tradições da cidade de São Paulo, vol III. Metrópole do café (1872-1918)* São Paulo: Editora Hucitec, 1984, 3.ed.
- CAMPOS, Candido Malta. *Os Rumos da Cidade: Urbanismo e Modernização em São Paulo*. Senac, 2000.
- CARELLI, Mario. *Carcamanos e Comendadores. Os italianos de São Paulo da realidade à ficção – 1919 a 1930*. Editora Ática.1985.
- CORBUSIER Le. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec Edusp. 1993.
- KUZNIR, Mauro. *Urbanismo sem calçadas*. In: *Cidade: Impasses e Perspectivas*. São Paulo: FAU/Annablume/FUPAM, 2007.
- MILLS, John. *Charles Miller: O pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005
- MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. Editora Difusão São Paulo, Européia do Livro, 1970.
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Parques Infantis de São Paulo. Lazer como expressão de cidadania*. Annablume. São Paulo, 2002.
- PARQUES URBANOS MUNICIPAIS DE SÃO PAULO. Organizado por Marussia Whately e outros. ISA. São Paulo, 2008.
- PAULA, Eurípedes Simões de. *A Segunda Fundação de São Paulo. De pequena cidade à grande metrópole de hoje*. 1939. Em <http://www.revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/017/A006N017.pdf> Acesso em: 25/08/2013.
- PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (orgs.).*História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.
- RAGO, Margareth. *A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950*.In: In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004
- REIS, Nestor Goulart. *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo – Grandes Obras e Urbanização – volume II: 1889-1930*. Edusp – Imprensa Oficial
- *São Paulo e outras cidades*. Hucitec, São Paulo, 1993.
- SANTOS, Sergio Paula de. *Os primórdios da cerveja no Brasil*. Ateliê Editorial. São Paulo,

2004

SANTOS, Wanderley. *História dos bairros de São Paulo*. Volume 18: Lapa. PMSP/SMC

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e Urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. Ateliê Cultural. São Paulo, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

SOMEKH, Nadia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Edusp/Studio Nobel/ Fapesp. 1997

Fontes

Arquivo Histórico da Sociedade Esportiva Palmeiras

- Revista Palestra Italia, 1929; 33
- Fotografias do Parque Antarctica (1922; 29; 33; 57; 64)
- Revista Periquito 70, nº 1-6
- Revista Campeonissimo, 1950; 52-53; 55; 57-59
- Jornal A Gazeta Esportiva, 1964

Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz

- Mapas cartográficos da Seção de Obras Particulares

Centro Pró-Memória EC Pinheiros

- Contrato de Locação entre Companhia Antarctica e EC Germânia

Arquivo do Estado de São Paulo

- Revista *Antarctica illustrada: revista semanal litteraria, commercial, sportiva*

Recortes de Jornal *O Estado de São Paulo*